

BENIGNO BENIN¹

FRANCISCO OITICICA FILHO²

O tempo foi curto, para tanto o que ver. De dentro da Van, entre um deslocamento e outro, antevia uma cena, na conjugação dos elementos do entorno, que, associados àquele mais próximo, propunham um diálogo que me interessava entre o concreto e o abstrato, o real e o virtual sentido como definidor do mistério do que lá estava. Várias etnias da região – Fulani, Haussá, Fon, Yorubá – antes antagonistas – superaram as suas desavenças para erigir uma democracia já duradoura, desde os anos 1960 em paz.

Em Allada, primeira capital do Reino do Daomé, antiga denominação do Benim – país da costa oriental da África onde estávamos –, fomos recebidos pela comitiva da casa real, o seu porta-voz, o príncipe primogênito e o adivinho do Reino. Não tendo marcado entrevista com Sua Majestade Kpodégbé Djigla, permanecemos no saguão de entrada do palácio real. No entanto, como sinal de deferência ao nosso grupo, e zelo quanto à primazia de Allada sobre as demais capitais do Daomé, fomos levados a conhecer o local de realização das cerimônias religiosas, onde nos foi transmitida oralmente a história de fundação das demais cidades sagradas por membros da mesma dinastia que ampliou inicialmente o território do Daomé.

¹ Este, o título de meu ensaio fotográfico. ‘Benin’, ou Bénin, nome em francês, língua oficial daquele país, grafia aqui empregada em consonância com o adjetivo ‘Benigno’ para ressaltar a benfazeja combinação de elementos que fez da viagem àquele país uma experiência encantadora. O seu nome atual, em português, ‘Benim’, se deve ao Golfo do Benim que banha o litoral, adotado em substituição a Daomé, desde o século XVII nome de boa parte da região sul de seu território, mas que, devido à escravização de etnias rivais levada a efeito por aquele Reino, poderia suscitar antigas e indesejadas desavenças quando de sua independência da França em 1960. Hoje, o Benim é considerado país de uma das mais estáveis democracias da África Ocidental. A Missão Cultural Maceió-Benim 2018 foi organizada pela Fundação Municipal de Ação Cultural da Prefeitura de Maceió cujo objetivo visava integrar esta capital de estado aos esforços para o resgate da história da Diáspora africana através das tradições conservadas e desenvolvidas, dispersas pelos três continentes americanos.

² Artista visual, professor e escritor. Fotógrafo da Missão Cultural Maceió-Benim 2018

Fotografar no Benim depende de muita negociação, variando desde um franco oferecimento até a sua completa interdição. Às vezes, cobrar em dinheiro a autorização para a foto é sinal da superioridade da pessoa sobre a máquina, nos advertindo que aquela pessoa que resiste em ser fotografada parece saber que a nossa fixação na imagem visual é fruto de uma abordagem redutora do indivíduo diante das suas muitas possibilidades de existência.

Assim, ao entender de que a minha posição de fotógrafo me inscrevia numa relação de poucos direitos, em que eu nada deveria intervir para rapidamente me satisfazer, posto que o nosso contato fosse mínimo, tentei captar a complexidade tão diferente, mas também tão semelhante à nossa, daquele país diminuto que não se revela imediatamente, que está abrigado além de sua aparência física agitada, mas num mundo sereno altamente codificado, mais real do que se nos apresentaria na pose fotográfica.

Em Porto-Novo, a capital constitucional do país, ouvimos toques de tambores e cânticos provenientes do Vodou, religião oficial do Benim, antecessora do Candomblé brasileiro. O impressionante colorido desta cidade provém também do Islamismo, com destaque para a sua famosa Mesquita Central, obra dos Agudás, africanos libertos do Brasil retornados depois do Levante Malê na Bahia, em 1835. Adiante, em frente a um centro de culto Vodou, um homem exibia para mim o boneco de seu irmão falecido, que me oferecera para fotografar. Essa presença o acompanhará por toda a vida, exigindo cuidados de manutenção do boneco que o retribuirá com saúde espiritual em comunicação com o morto, de quem o homem foi tão próximo.

No Benim, a motocicleta é o principal meio de transporte urbano, sobre a qual quase tudo pode ser levado, inclusive um número variável de pessoas. A circulação desse enorme contingente de veículos, sem aparente regulação maior que não seja o bom-senso de seus condutores, é feita com enorme precaução, de modo que nenhum acidente foi registrado no período da viagem. No entanto, a poluição do ar é efeito perverso que nas cidades maiores já se faz sentir. Corriqueira a elegância dos trajes, de estampas nunca repetidas, as mais variadas.

A coletividade é um bem maior no Benim. Dada a pobreza sem miséria, a ausência de violência urbana, com a distribuição mais ou menos equitativa das (pocas) comodidades, o comércio ativo aparentemente informal faz com que moradias emendem em quintais que emendam em lojas que emergem das calçadas por onde o povo passa. Todo material se comercializa com entusiasmo e vigor. A economia está no sangue do nativo, numa plasticidade estonteante de regras e acordos comerciais, conforme o valor da mercadoria, a perícia do vendedor e a prática do freguês. O combustível vindo da Nigéria, potência africana e país vizinho do Benim, na ausência de postos de abastecimento ao

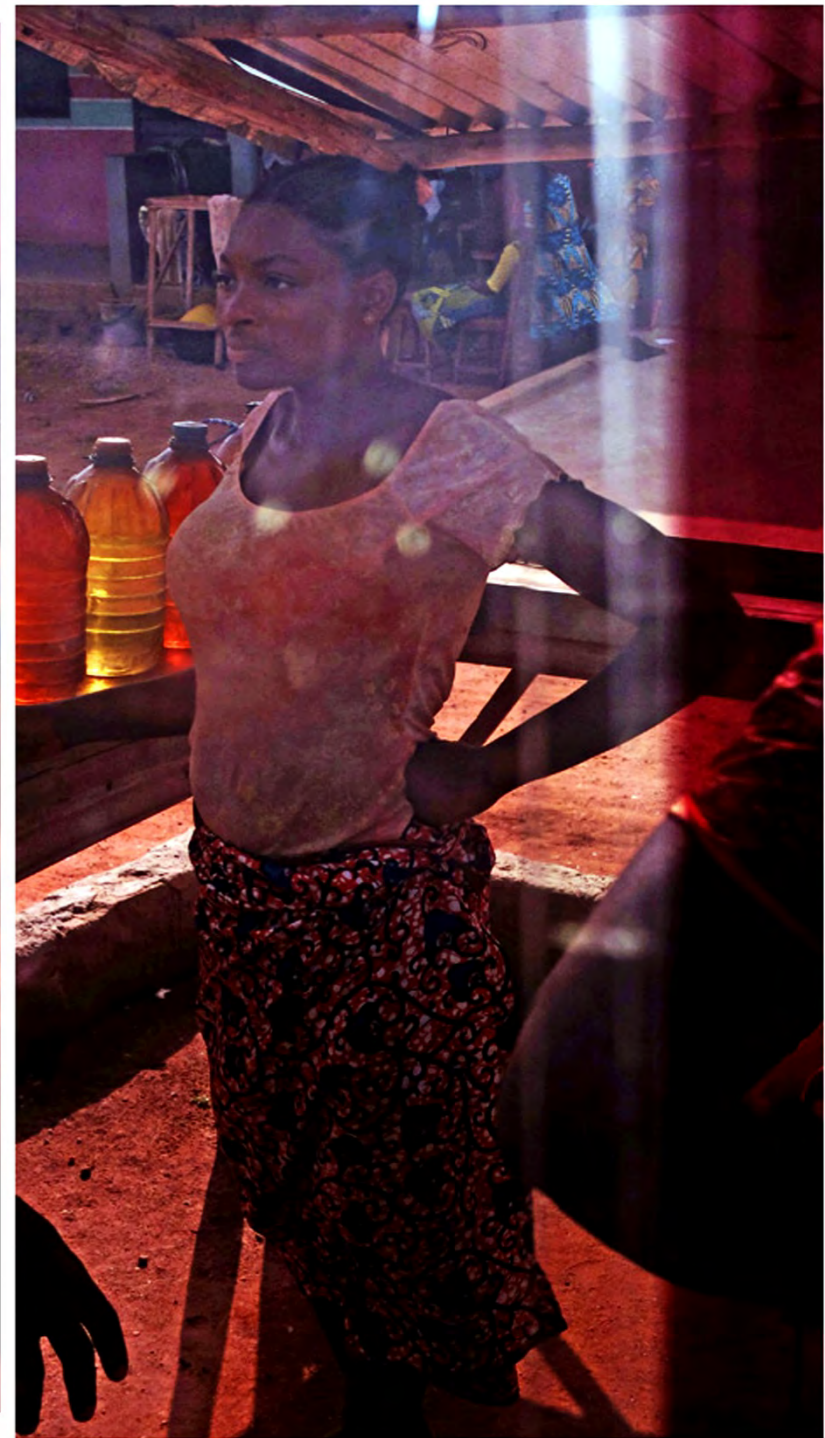
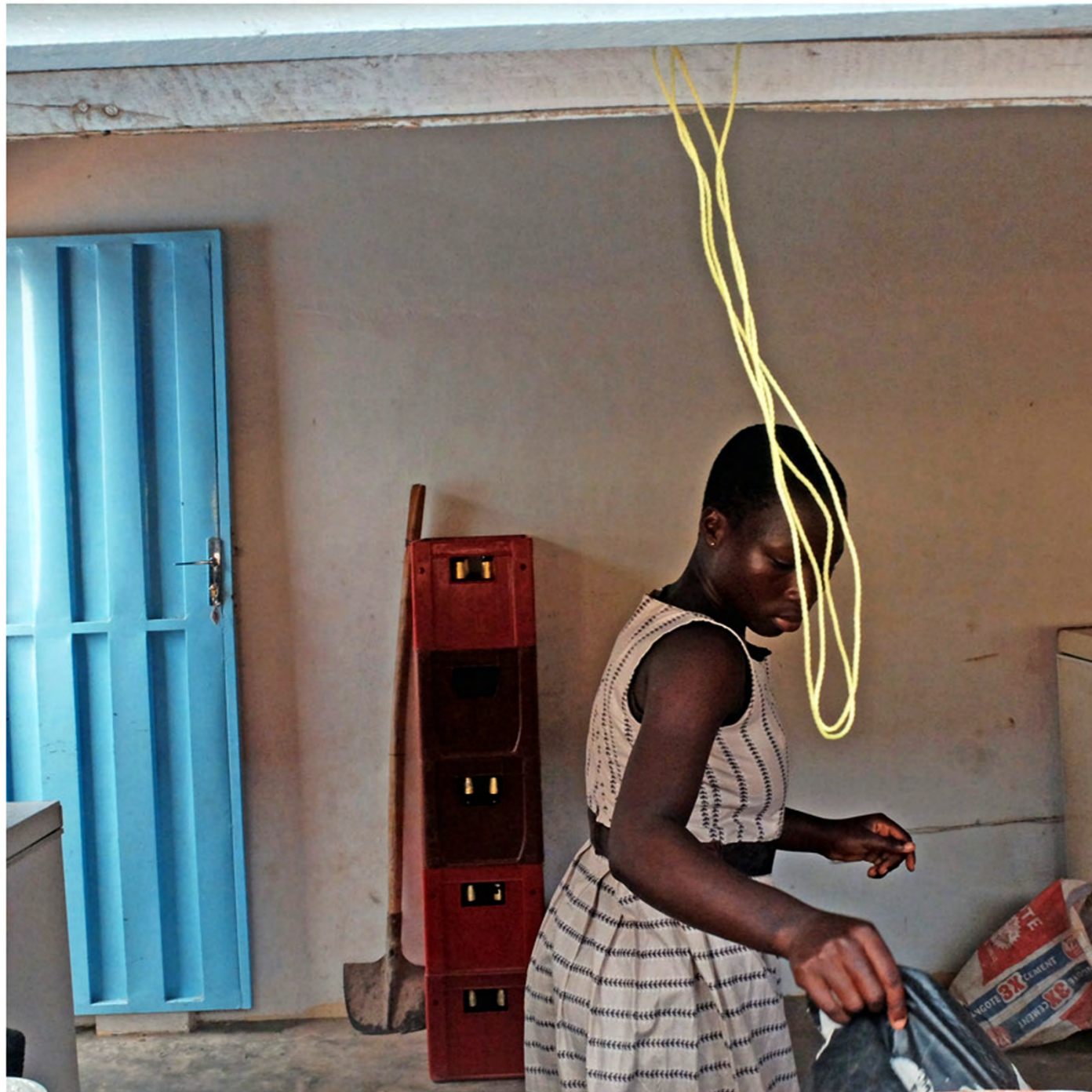
modo daqui, é vendido em pequenas quantidades, oferecido em galões de plástico, e em bonitos garrafões de vidro, ao longo da via pública, ao alcance das mãos para que nos sirvamos.

Homens em público de mãos dadas é algo comum de se ver em toda a África. Sem buscar explicações próprias ao restritivo campo de visão ocidental, encarei com satisfação uma barreira cultural superada, manifesta nos calorosos apertos de mão e gratuitos sorrisos que recebemos na Missão. Tal comportamento se estendia também para a sensação de mútua cooperação entre homem e mulher na rua, nas atividades diárias, em festas e rituais.

Ganvié, cidade-refúgio de 30 mil habitantes construída sobre palafitas numa lagoa entre a fronteira do Benim com a Nigéria, converge para um porto de pesca de onde saímos para um breve passeio. Surgida como esconderijo para aqueles que fugiam dos traficantes de escravos, esta imensa aglomeração populacional por onde se transita unicamente em canoas, também chamada de a “Veneza africana”, impressiona pelo movimento entre casas, lojas, escolas, pousadas, templos, praças e oficinas extraídas da água.

As cores em profusão não são minhas, vieram a mim. Quando chegaram às lentes dos meus olhos, se deu um choque de alteridade, um encantamento do olhar, transe estético de quem vê o mundo novamente pela primeira vez. A minha esperança se reabasteceu, colhida de um tempo em suspenso num espaço que não esperava existir para que se desdobre em muitos amanhã, na realização de novas realidades possíveis. Declarado independente na década de 1960, a África de hoje é mais nova de que seus habitantes. Esperemos, pois o século XXI será daquele continente.



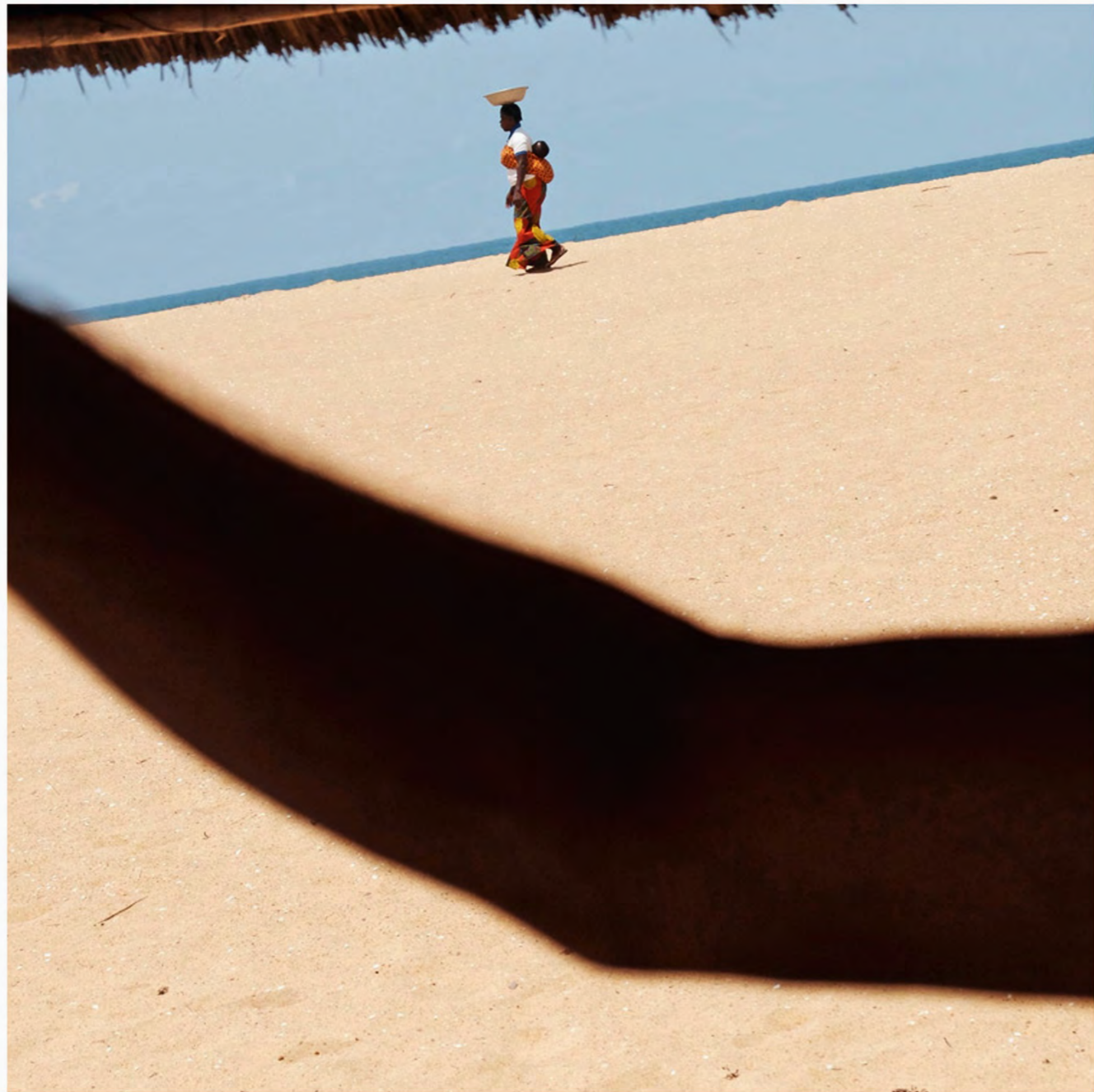














Recebido em: 01 de dezembro de 2018.
Aprovado em: 19 de dezembro de 2018.
Revista Mundaú, n.5, 2018, p214-225